

Resenha bibliográfica 1

Macroeconomics: theory, performance, and policy

Hall, Robert E., and Taylor, John B. *Macroeconomics: theory, performance, and policy*. W W. Norton & Co., 1986. 534 p.

José W. Rossi *

Os anos 80 têm-nos brindado com alguns bons textos americanos de macroeconomia intermediária. Não há, em geral, unidade de pensamento entre as obras de maior destaque, o que reflete, aliás, o estado de ebulição em que se acha a disciplina. A hipótese das expectativas racionais é, por exemplo, um ponto bastante polêmico nas discussões acadêmicas.

Neste cenário, os já consagrados *Macroeconomics*, de Rudiger Dornbusch e Stanley Fischer, e *Macroeconomics*, de Robert Gordon, ambos publicados em 1984, são, apesar de textos modernos, os que menos inovam; exceto, talvez, o tratamento, neste último, da questão dos choques de oferta, que dificilmente seria superado em termos didáticos. Contrapondo-se a estas obras de orientação essencialmente keynesiana, *Macroeconomics*, de Robert Barro, também de 1984, é seguramente o mais ousado texto intermediário.¹ Como representante das idéias dos denominados novos clássicos (isto é, de que os preços e salários são flexíveis e as expectativas são racionais) — e que inclui ainda autores como Robert Lucas, Thomas Sargent e Neil Wallace —, não há, conseqüentemente, lugar na sua exposição para os diagramas IS e LM, tão comuns aos livros de macroeconomia. Também *Macroeconomics*, de Michael Parkin, ainda de 1984, traz importantes inovações, sobretudo pelo amplo espaço dado às expectativas racionais, embora estas sejam usadas pelo autor principalmente no contexto dos modelos dos novos clássicos.²

* Do Instituto de Pesquisas do IPEA e da UFRJ.

¹ Ver resenha, de José W. Rossi, publicada em *Pesquisa e Planejamento Econômico*, Rio de Janeiro, 15 (2):473-8, ago. 1985.

² Ver resenha, de José W. Rossi, publicada em *Pesquisa e Planejamento Econômico*, Rio de Janeiro, 16 (3):781-6, dez. 1986.

Faltava nesse quadro uma exposição mais acessível do pensamento dos novos keynesianos, incluindo os nomes de economistas como John Taylor, Edmund Phelps e Stanley Fischer que adotam em seus textos a rigidez nos preços e salários e a hipótese das expectativas racionais. O livro de Robert Hall e John Taylor, que é dividido em quatro partes, vem preencher essa lacuna. A sua contribuição mais importante é a discussão, na Parte III (Caps. 12 a 15), da base microeconômica da oferta agregada, apresentada com significativo detalhe. Nesta parte os argumentos dos novos keynesianos são contrapostos aos dos novos clássicos. Vale ressaltar os principais pontos desse debate. A proposição mais polêmica dos novos clássicos talvez seja a da neutralidade da política monetária. De acordo com a função de oferta de Lucas, há uma relação positiva entre o PIB e os aumentos *não esperados* de preços. Isto ocorre devido à informação imperfeita da firma, que confunde as variações nos níveis gerais de preços como sendo variações nos seus próprios preços relativos. Entretanto, se dada política monetária for esperada, então os agentes econômicos que se comportam racionalmente não alterarão a sua produção. Como corolário disso, seria possível reduzir drasticamente a inflação sem qualquer custo para a sociedade.

Fischer, Phelps e Taylor foram os primeiros economistas a demonstrar que a neutralidade da política monetária se deve à hipótese da flexibilidade de preços e salários, e não à de expectativas racionais, como sugerem Sargent e Wallace. Esse ponto é devidamente explorado no texto de Hall e Taylor. Como os autores ressaltam, os preços e salários não são flexíveis, mas relativamente rígidos no curto prazo. Essa rigidez para os salários decorre de contratos trabalhistas que se justapõem no tempo (a teoria dos contratos é extensamente discutida no Cap. 14). Já os preços (pelo menos com relação aos produtos manufaturados) variam mais em função de alterações nos custos de produção do que na sua curva de demanda. Em vista disso, o combate à inflação é um processo lento e penoso, mesmo que as expectativas sejam racionais.

A propósito dessas questões, a experiência hoje vivida na América Latina sugere não ser baixo o custo econômico dos programas de combate à inflação. Os programas heterodoxos da Argentina e do Brasil, por exemplo, reduziram, num primeiro momento, pelo menos, as elevadas taxas de inflação, mas ao custo de uma ampla desorganização dos mercados, resultando em escassez de vários produtos e cobrança generalizada de ágio na sua comercialização. Isto tem levado ao abandono gradativo das medidas heterodoxas nesses países, com o retorno simultâneo das altas taxas inflacionárias. Também não tem sido menor o custo econômico do programa ortodoxo de combate à hiperinflação na Bolívia, onde, apesar do sucesso no combate à inflação, são bastante elevadas as taxas de desemprego.

Nas outras três partes do livro o tratamento segue, em geral, linhas convencionais. A Parte I (Caps. 1 a 6) é, de fato, um minicurso de macroeconomia. A curva da demanda agregada é derivada com base no aparato IS-LM. Da interseção dessa curva com a oferta agregada dada

pelo produto potencial tem-se o equilíbrio de longo prazo. No curto prazo, porém, o equilíbrio do produto é obtido da interseção da demanda agregada com a linha horizontal do preço que é predeterminado, ou seja, uma dada política econômica afeta inicialmente apenas o produto, e só então os preços começam a se ajustar para baixo ou para cima, conforme a interseção da demanda agregada com o preço predeterminado se dê acima ou abaixo do produto potencial. O ajustamento dos preços segue o modelo da curva de Phillips incorporando expectativas. Há ainda na Parte I uma lúcida exposição sobre os choques de demanda agregada e choques no nível de preços (ou choques de oferta), bem como uma útil discussão sobre as políticas de estabilização para tais situações.

A Parte II (Caps. 7 a 11) fornece a chamada base microeconômica da demanda agregada, isto é, discute demanda de consumo, investimento, governo, setor externo e sistema monetário. Muito da discussão nesta parte tem, também, um tratamento tradicional. Um aspecto novo aqui são as considerações relativas à restrição orçamentária intertemporal, quando das decisões de consumo, investimento e gastos do governo. Isto permite, aliás, mostrar de modo didático a equivalência existente, nas decisões de investimento, entre a abordagem do *rental-price* de Jorgenson e o tratamento usual na avaliação de projeto. Deve ser ressaltado, ainda, que a hipótese das expectativas racionais é freqüentemente usada, nesta parte, em tópicos como demanda por consumo e investimento, comércio exterior e taxa de câmbio.

Os dois últimos capítulos (16 e 17), que constituem a Parte IV do texto, tratam dos instrumentos de avaliação da política macroeconômica no contexto das economias doméstica e mundial, respectivamente. O destaque, no primeiro caso, é a discussão da chamada linha de fronteira para a política econômica, que discute o *trade-off* existente entre a inflação e o desemprego. No capítulo relativo à economia mundial são tratados os tópicos usuais, isto é, o regime das taxas de câmbio (fixas ou flexíveis), a mobilidade dos capitais, a questão da coordenação internacional das políticas macroeconômicas, uma descrição do sistema monetário internacional, etc.

Para concluir, a importância deste livro está não apenas na contribuição da Parte III acima enfatizada, mas também na capacidade dos autores, demonstrada ao longo de todo o texto, para apresentar a matéria de modo claro e conciso. Assim, a obra de Hall e Taylor tem lugar certo em qualquer lista bibliográfica de macroeconomia.